

OS CAPOEIRAS: REPRESENTAÇÕES NA IMPRENSA E NA INTELLECTUALIDADE DO SÉCULO XIX

Samantha Eunice de M. Marques Pontes

Biblioteconomia e Documentação (UFF) e Mestranda em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

E-mail: pegui@click21.com.br

Resumo

Este artigo explora as representações da capoeira em matérias da imprensa brasileira, publicadas no século XIX. Baseado em alguns jornais, examinados o surgimento da capoeira na sociedade brasileira como um produto das mudanças políticas, sociais e físicas da cidade do Rio de Janeiro, após a chegada da família real portuguesa ao Brasil em 1808. Por intermédio de narrativas sobre capoeira nas ruas da cidade, são analisadas as relações entre diversos grupos sociais que contribuíram para construir a face do país.

Palavras-chave: capoeira – narrativa – Rio de Janeiro

Abstract

This paper explores the representations of the capoeira in articles of the Brazilian press, in the nineteenth century. Based on some newspapers, we examine the appearance of the capoeira in the Brazilian society as a product of the politics, social and physics changes in the Rio de Janeiro city, after the arrived of the Portuguese royal family, in 1808. Through the narratives about capoeiras on the city streets, we analyze the relations among several social groups that had contributed to build the face of the country.

Key words: capoeira – narratives – Rio de Janeiro.

Introdução

Durante o século XIX, o ambiente urbano brasileiro se consolida de forma processual como resposta modernizadora ao modelo colonial baseado, essencialmente, nas grandes propriedades rurais e no modo de produção escravo. A idéia de modernização inspirada em conceitos europeus, com forte influência francesa, se constrói, principalmente, após a instalação da corte portuguesa em terras cariocas. O Rio de Janeiro assume, portanto, nesse período, o papel de principal cidade do Brasil, por abrigar o cerne político que se posicionava ao redor do poder central que habitou, durante o século, a sede do Reino Unido, a corte do Império e, finalmente, a capital da jovem República.

Nesse novo contexto urbano, a **rua** se torna o espaço de mediação social catalisador das transformações por ser o campo de encontro e de disputas entre os grupos emergentes das relações que se inauguram. Grupos esses que vivenciam e representam a rua de maneiras diferentes. Assim, focalizar, nesse lugar privilegiado historicamente, a produção e efetivação de significados, através da triangulação dos atores sociais, suas

práticas e as suas representações, nos permite captar os ideais da sociedade da época. A idéia de modernização, ou melhor, de “civilização” do espaço implica no estabelecimento e na imposição de regras pelo poder vigente, que se efetivam por intermédio das forças policiais institucionalizadas.

No referido momento em que nos concentramos, o papel da imprensa como voz do cotidiano cidadão, colecionando os tipos que se destacam por suas ações, assim como as narrativas dessas ações, é definitivo na formação da opinião pública e, dessa forma, na construção do imaginário social. Por isso, é a imprensa a nossa principal fonte de informação na busca por representações dos capoeiras, em sua gênese social.

O capoeira emerge nesse novo contexto urbano, definindo-se como tipo social, cuja imagem é produzida temporalmente no discurso da imprensa carioca. E, ao longo do século XIX, de certa forma, esse discurso traduz a “alma” da malandragem carioca que assumiria seu lugar no imaginário da cidade mais efetivamente nas primeiras décadas do século XX através da figura do sambista. A malandragem do capoeira está na ambigüidade, que reside na linha fronteira da valentia que o coloca entre o herói e o bandido, dependendo da relação de apoio ou oposição ao poder constituído (polícia, exército, políticos). Pertencente ao mundo rueiro, é descrito sempre em movimento, seja no espaço físico, seja na ordem social. Híbrida também é a prática corporal que o distingue e que lhe atribui poder simbólico, haja vista as metamorfoses sofridas pela capoeira, que passa de prática escrava a prática mestiça com múltiplas influências dos adeptos que se introduzem no universo da capoeiragem carioca e, em contrapartida, dão a ela suas cores e seus próprios saberes corporais.

Os olhares lançados para a capoeira, nesse período, se voltam muito mais para seu caráter bélico que para seus atributos ritualísticos originários da cultura negra do Brasil, mas devemos assinalar que esse caráter não se perde, pois as narrativas da capoeira nas rodas espalhadas pela cidade e nos folguedos populares são constantes.

Dessa forma só nos resta introduzir as questões que norteiam esse texto e dizer de que maneira daremos conta delas: Que representações a Imprensa e a intelectualidade brasileiras do século XIX construíram a respeito da capoeiragem na cidade do Rio de Janeiro? Quais passaram a figurar no imaginário popular? Assim, é objetivo deste artigo responder a essas demandas, relacionando a emergência da capoeira no tecido social brasileiro ao conjunto de transformações políticas e sociais desencadeadas a partir da instalação da corte portuguesa no Brasil.

Através da análise de alguns artigos publicados em jornais e de textos produzidos pela intelectualidade do século XIX, ambos locais privilegiados das narrativas da sociedade da época, procuramos focar o capoeira como um tipo social, em sua dinâmica corporal no espaço urbano que se efetiva. Assim, pelo dito e também pelo não dito, traremos à tona o “retrato falado” do capoeira e seu modo de agir nas ruas da cidade. Essa perspectiva histórica nos permitirá possíveis confrontos com as análises do presente, momento em que se constrói a memória dos grupos de capoeira.

A nossa proposta é fazer isso em dois momentos. No primeiro relacionando o discurso da imprensa aos diferentes momentos políticos que definem a sociedade brasileira no século XIX. Em outro, apresentando a imagem consolidada do capoeira integrado à

sociedade através da personagem Firmo de “O Cortiço”, obra de Aluísio de Azevedo, que propicia a aproximação definitiva das imagens do capoeira e do malandro carioca.

Capoeira: gênese social.

Segundo Cuche (2002, p.17), “as palavras possuem história e, de certa maneira, as palavras fazem a história”. E por isso, é necessário compreender em que contexto as palavras saem da insignificância para nomear e ao mesmo tempo responder as questões que se apresentam em determinados períodos e realidades sociais.

A etimologia do termo capoeira usado para definir tanto a técnica corporal de defesa e ataque quanto o sujeito que a detém (a capoeira e o capoeira) tem sido motivo de grandes discussões entre pesquisadores do tema, que apresentam inúmeras respostas para a questão. Questão que também é motivo de disputas identitárias entre os grupos de capoeira, que se constituem como atuais detentores da técnica corporal conhecida como capoeira. Cada um reivindica para si a posse e a guarda da técnica autêntica. Assim, a partir dos significados atribuídos ao termo inaugura-se uma grande discussão a respeito das origens da capoeira: africana ou brasileira; quilombola ou escrava; rural ou urbana. e ainda da determinação da cidade brasileira onde teria nascido a prática.

Ainda que interrogássemos o termo hoje em dia, a resposta exigiria uma certa complexidade de articulação, não só pelas possíveis definições que a prática da capoeira oferece atualmente: arte marcial, jogo, terapia, dança, ritmo etc; mas também pelos valores de significação a ela atribuídos no decorrer do tempo após tantas metamorfoses. Apesar de sua polissemia, podemos dizer, no entanto, que capoeira é relação, visto que não se joga sozinho, seja no tempo da roda ou na roda do tempo. Para atender a demanda proposta no início desse parágrafo, precisaremos investigar, nos discursos, as representações da capoeira e do capoeira ao longo do tempo.

Muitas forças estiveram em combate e tantas lembranças quanto esquecimentos foram negociados nas retículas do poder, transformando aquilo que ainda hoje chamamos de capoeira, de prática escrava em produto cultural de exportação. Mas capoeira já consistia em um saber, antes mesmo de receber esse nome, pois, apesar de tantas controvérsias a respeito da origem da prática e origem do étimo, podemos afirmar que capoeira foi o apelido dado por observadores interessados àquilo que os negros que chegaram no Brasil na condição de escravos desenvolveram nos terreiros dos engenhos ou nas vielas das cidades do Brasil Colônia. Um nome para o que o negro reconhecia como “segredo” ou “jogo”, guardado a sete chaves sob a pele e, que no momento certo virava fala, fala do corpo; um discurso transmitido oralmente e gestualmente. Um desejo de liberdade no retorno ao corpo cuja boca não tinha vez na sociedade escravocrata brasileira, mas que tomava definitivamente seu lugar à força. Não a da chibata, mas do simbólico. Como o poder simbólico “é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo o exercem” (BOURDIEU, 2000, p.7), o poder da capoeira resiste à dominação social e se difunde nas trocas que se estabelecem nos encontros étnicos.

Mesmo que estejamos escavando no terreno dos significados, pretendemos atingir uma camada específica no processo de construção da capoeira. Desceremos até o momento de sua efetivação no tecido social brasileiro e aí procuraremos sua natureza.

Levando em conta os artigos pinçados na imprensa carioca do século XIX sobre a capoeira pudemos notar o seguinte: o termo capoeira (substantivo masculino) é usado para designar o sujeito, ficando para a prática desse sujeito a denominação de capoeiragem (substantivo feminino), um termo derivado do primeiro (capoeira + agem); capoeiragem engloba o sistema de luta propriamente dito praticado pelo capoeira, o comportamento peculiar desse tipo e, de maneira mais geral, o seu modo de vida. O termo capoeira (substantivo feminino) é usado para designar a técnica corporal específica. Não encontramos nenhum termo derivado deste para designar o seu praticante.

O corpo do capoeira

O corpo é a encruzilhada de todos os acontecimentos sociais, de onde partem e para onde retornam os reflexos da cultura. “Antes de qualquer técnica de armazenagem e transporte de signos, o corpo continua a ser o primeiro suporte da memória e transmissão” (SERRES, 2004, p.78). Do corpo se diz tanto quanto o corpo diz de tudo, principalmente sobre o que ele faz e representa. As práticas corporais que caracterizam um grupo se internalizam nos indivíduos dando-lhes a marca do grupo a que pertence. Tais marcas são produzidas inconscientemente, mas são contundentes na definição de sua identidade. A essas marcas, RIVIÈRE (1999, p.15) chama de patrimônio gestual, que afirma ser “ao mesmo tempo, léxico e sintaxe de uma formação social, marcando no corpo, as formas de identidade e das trocas sociais”.

Através do gesto e da palavra, que são manifestações do cotidiano, é que a transmissão de valores se efetiva. É nesse meio mais afetivo do “face a face” que se dá o processo de educação e de absorção do simbólico, e também é esse o campo das lutas sociais. Pierre Bourdieu considera a comunicação verbal - inseparável de outras formas de comunicação - um meio privilegiado onde as pessoas “refletem e refratam” conflitos e contradições próprios do sistema de dominação, onde a resistência está dialeticamente relacionada com a submissão. (BOURDIEU, 1972 apud MINAYO, 2002, p.103-104)

Assim, era através do corpo e dos gestos que primeiro se conhecia o capoeira que atraía a atenção dos expectadores acidentais ou fiéis que o observavam em suas rotineiras atuações temidas e admiradas nas ruas da cidade. Palavras como “ajuntamentos” ou sinônimos estão constantemente relacionadas nas narrativas sobre as ações dos capoeiras, e demonstram que havia interesse popular pelas suas performances. A insistência das ações dos capoeiras, a despeito da forte repressão das autoridades e a forja de seu corpo fora dos padrões institucionais da época, são fatores que podem dar conta do mito da resistência que a capoeira representa até hoje.

APRENDIZ DE CAPOEIRA. Anteontem divertia-se o menor Antônio Soares de Araújo em exercícios acrobáticos de agilidade, que o vulgo chama de capoeiragem. O campo de exercícios era o largo da Sé, onde o rondante, não apreciando aquela cena, levou Antônio para a Primeira estação da Guarda Urbana.

Diário do Rio de Janeiro, 05 março 1872.

A repressão policial à prática da capoeira é descrita na nota acima publicada na segunda metade do século. Apesar de não estar aparentemente envolvido em nenhuma situação

de conflito, o dito “aprendiz de capoeira” representa uma ameaça que deve ser combatida imediatamente.

Ordem e desordem

AJUNTAMENTOS PERIGOSOS. Já por vezes temos chamado a atenção das autoridades sobre a venda da rua São Bento 53, por causa dos capoeiras, que constantemente ali se ajuntam, provocando **desordens** . Ainda ontem a patrulha que lá rondava intimou o caixeiro que não consentisse ali tantos **negros** e tanta **algazarra** . [grifo nosso]

Jornal do Comércio 28 janeiro, 1878

Na divisão simbólica do território da cidade percebe-se a marca do capoeira, que caracteriza os lugares com o estigma da desordem e do perigo, conforme relata a citação anterior. No entanto, a capoeiragem carioca constitui-se como uma organização tão hierarquizada quanto um grupamento militar, onde se destacam mestres e discípulos que se graduam de acordo com suas habilidades corporais testadas nas ações praticadas nas ruas. Tal hierarquia era reconhecida tanto pelos capoeiras quanto pelo restante da sociedade, que acompanhava suas façanhas nos constantes noticiários.

Apesar da proibição, era na rua, à vista de todos, que se processava o ensino da capoeira. E mesmo sendo coibido num dia, retomava dias depois no mesmo lugar. Esses lugares onde acontecia o treinamento dos novos capoeiras eram conhecidos e numerosamente freqüentados.

Parece averiguado que o Largo da Sé é o campo escolhido para os recrutas da arte. Ontem às duas horas da tarde José Leandro Franklin, veterano experimentado e o noviço Albano, aquele ensinando, este aprendendo as artes e agilidades da capoeiragem, foram surpreendidos nos seus estudos pelos guardas urbanos, que mudaram-lhe o curso para o xadrez da polícia. À preleção de Franklin assistiam muitos colegas, e talvez aspirantes, mas estes infelizmente evadiram-se

Jornal do Comércio. 11 março 1872

A voz dos capoeiras

Testemunha de seu tempo, a imprensa carioca que se constrói, assim como a capoeiragem, na estruturação do ambiente urbano do século XIX, é ela mesma a voz primeira das ruas narrando seus acontecimentos cotidianos na perspectiva dos cidadãos que se descobriam em uma nova ordem social. A seguir, a intelectualidade, dando-se conta daquele intrincado universo relacional de encontros e desencontros entre os grupos sociais, passa também a representá-lo em seu discurso, ficcional ou não. Por essa razão, buscamos nesses discursos fragmentos que contemplam o tipo que pesquisamos – o capoeira.

Machado de Assis em uma de suas crônicas publicadas na Gazeta Popular do Rio de Janeiro, em uma seção intitulada “Balas de estalo“, admite o papel decisivo da imprensa na popularização dos capoeiras, denunciando a excessiva exposição desse tipo nos

textos dos jornais e revistas da época. Ao mesmo tempo ratifica a posição do capoeira como um personagem de seu tempo construído no cotidiano da cidade.

“Trago aqui no bolso um remédio contra os capoeiras”, com essas palavras inicia Machado de Assis sua crônica publicada em 1885, anunciando, de primeira, sua visão própria sobre o tipo conhecido como capoeira: um mal, para o qual existe um remédio: extinguir a fonte que o alimentava na memória social: as narrativas da imprensa. E continua...

Capoeira é homem. Um dos característicos do homem é viver com seu tempo. Ora, o nosso tempo (nosso e do capoeira) padece de uma coisa que podemos chamar de **erotismo de publicidade**. [grifo nosso]

Aqui tocamos ponto essencial. O capoeira está nesta matéria como o Crébillon em matéria de teatro. Perguntou-se a este, pôr que compunha peças de fazer arrepiar os cabelos; ele respondeu que, como Racine tomava o céu para si e Corneille a terra, não lhe restava mais que o inferno em que se meteu. O mesmo acontece com o capoeira. Não pode distribuir mimos espirituais, drogas infalíveis, todos os porcos nascem-lhe com uma só cabeça, nenhum meio de ocupar os outros com sua preciosa pessoa. Recorre à navalha, espalha facadas, certo de que os jornais darão notícias das suas façanhas e divulgarão os nomes de alguns.

Ao apartar “nós” dos capoeiras, Machado não só direciona seu discurso, como assinala a posição dos capoeiras externa à sociedade civilizada a quem dirige sua crítica. Os capoeiras são “eles”, o que lhes confere a identidade do outro. Mas também lhe atribui a face de um artista ou um guerreiro que procura imortalidade e memória, quando o compara a Crébillon e mais tarde a Aquiles, ainda que procurando o lado antagônico ao do “bem”. A análise de Machado encaminha-se para o desfecho:

Já o leitor adivinhou o meu medicamento. Sim, senhor, adivinhou, é isso mesmo: não publicar mais nada, trancar a imprensa às valentias da capoeiragem. Uma vez que se não dê mais notícias, eles recolhem-se às tendas, aborrecidos de ver que a crítica não anima os operosos.

Das ruas do Rio: a escravidão e a capoeira

A afirmação da identidade e enunciação da diferença traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado aos bens sociais.

Tomaz Tadeu da Silva

O processo de centralização do poder político e econômico na cidade do Rio de Janeiro durante o século XIX não se dá de maneira pacífica. Na verdade, o que se verifica é uma constante tensão entre os diversos grupos que se constroem nesse ambiente urbano. Se outrora a rua fora desprezada pelas classes mais abastadas, por constituir espaço de passagem, trabalho e despejo de dejetos; a partir das ações urbanísticas e arquitetônicas, que buscam o ideal europeu de espaço civilizado, ela passa a ser requisitada por essas camadas, para ser seu espaço de relações e representações. Apresentando-se como uma vitrine e passarela do seu sucesso.

Por outro lado, a escravidão nas cidades também adquire um caráter especial com a figura do “escravo de ganho”. Esse escravo transita pelas ruas levando e trazendo mercadorias, e muitas vezes dinheiro, para o senhor que dependia do seu negócio. Esse escravo passa a representar, não mais uma ferramenta da produção ou um utensílio doméstico, mas um agente da atividade comercial. O escravo de ganho “negocia” não só *para* o senhor, mas *com* o senhor. O seu ir e vir torna-se menos restrito, possibilitando que, mesmo sob grande vigilância, ele também desenvolva sua vida social própria cujo lócus é a rua, junto com os negros forros e fugitivos e o restante da população empobrecida.

A rua, nesse contexto, é entendida não apenas como configuração físico-espacial, mas como “lócus capaz de dar sentido e identidade ao urbano” (VELOSSO, 2004). Além de emoldurar a reunião dos diversos grupos que figuram no ambiente urbano, se constitui em espaço e objeto de disputas entre eles. O que está em jogo nesses encontros e desencontros é a identidade da própria cidade que apresenta desde então um caráter híbrido, uma “mistura” de recursos simbólicos que se reflete na sociedade.

É da população negra, escrava ou forra a maioria das notícias de envolvimento com a capoeiragem:

No dia 17 do corrente fugiu um escravo por nome Manuel, da nação Cabinda, estatura ordinária, rosto meio redondo, beiços grossos, olhos pequenos, bastante asibichado de cor, com tornozelos grossos, e com cicatrizes nas pernas de chagas. Costuma andar pela rua da Vala com outros capoeirando; quem o apanhar e levar à rua Direita 16, será bem recompensado.

Diário do Rio de Janeiro 24 fevereiro 1826

Os batuques e outras festas negras tornam-se constantes e espalhadas por diversas freguesias, ambiente onde a prática da capoeira se populariza. A partir de 1830, no entanto, essas comemorações passam a ser cerceadas, “Para os **pretos** conseguirem realizar seus batuques, a cadeia de acordos pessoais tinha que funcionar: era preciso que um senhor, proprietário da casa, permitisse, a vizinhança concordasse e alguma autoridade supervisionasse” (ABREU, 1994, p.6).

Ao se investigar a emergência da capoeiragem no tecido social brasileiro, é impossível não encontrar na cidade do Rio de Janeiro, em suas várias metamorfoses ao longo do século XIX, as referências mais íntimas, pois é no meio urbano em construção que encontramos o ambiente ideal para a ascensão de diversos personagens que representariam o drama citadino, dentre eles o capoeira.

Já nos meados do século XIX, a ligação entre a capoeiragem e as ruas da cidade parecia indissolúvel. De acordo com a crônica da época, os capoeiras estavam por toda parte: distribuídos pelas classes menos abastadas ou envolvidos, ora com os partidos políticos, ora com a criminalidade ou na própria força policial que a combatia. Da guerra do Paraguai há relatos da destacada participação de negros capoeiras que eram recrutados à força e integrados nas frentes de batalha. Latente era sua atuação nas chamadas maltas - gangues de capoeiras que usavam os “logradouros públicos” do centro antigo como arena de luta, quando impressionavam a opinião pública com demonstrações de destreza, agilidade e brutal violência. É nesse o contexto que capoeira se torna um

fenômeno social expressivo passando de saber escravo a arma de guerra, artifício político e prática marginal.

Uma malta de capoeiras da qual faziam parte Florentino, escravo de Manuel Joaquim Alves da Rocha, Zeferino, escravo, Luís José da Silva. Antônio Joaquim de Azevedo, e Maximiano, escravo de Antônio Correia de Sá Lobo, chegando na rua dos Ourives, esquina de São José, encontrou-se com outra com quem andava de rixa, travando-se desde logo uma luta desesperada, que obrigou os pacíficos transeuntes a fugir e algumas lojas a fechar. No conflito logo gravemente ferido e morreu pouco depois o escravo Oscar do Dr. Carlos Frederico Taylor, afamado capoeira da Glória. Ficaram feridos também e acham-se em perigo de vida Henrique da Conceição, escravo do Dr. César Farani, e Raimundo, escravo de Manuel Joaquim Alves da Rocha, com confeitaria no Largo do Capim

Diário do Rio de Janeiro 9 março 1874

As Maltas surgem a partir da década de 1850. As duas maiores e mais conhecidas eram os **Nagoas** e os **Guayamus**, que disputavam o espaço da cidade na ponta da faca. A constituição das maltas era bastante variada: negros livres e escravos, mulatos e imigrantes. Essa formação variada das maltas fez com que o saber corporal da capoeira fosse difundido, mesmo que clandestinamente, para diversas camadas da sociedade.

SEM COMENTÁRIOS. Às nove horas da noite de anteontem, por ocasião de efetuar-se a prisão de alguns capoeiras no Campo da Aclamação, esquina da rua São Lourenço, dois praças de polícia, e três do Segundo regimento de Artilharia se opuseram à prisão dos malvados. Travou-se então grande luta entre urbanos e os ditos soldados, que queriam à força tomar um preso pelo fato de ter sido do corpo de polícia.

Jornal do Comércio 29 janeiro 1878

Com o processo de abolição da escravidão, o negro que migra aos poucos das senzalas para a pobreza leva consigo a capoeira, que se torna tão mestiça quanto a cidade. “Em 11 de outubro de 1890, o novo Código penal da República realizava o que a Monarquia não tinha conseguido em quase cinquenta anos de regime: transformar a capoeira de delito ou contravenção em crime”. (SOARES, 1994, p.301). Parecia que o novo regime estava mesmo empenhado em apagar a capoeira do cenário brasileiro. Na década de 1890 essa luta foi intensificada por Sampaio Ferraz, primeiro chefe de Polícia do Distrito Federal.

“De novembro de 1889 a dezembro de 1890, a Casa de Detenção registra no mínimo a prisão de 297 capoeiras – no mínimo, porque os registros de janeiro a março de 1890 desapareceram” (SOARES, 1994, p.127). Os capoeiras mais conhecidos e temidos foram enviados para a prisão em Fernando de Noronha.

Sampaio Ferraz e os republicanos pareciam vitoriosos, mas estariam os capoeiras realmente extintos no cenário carioca?

O capoeira na dinastia dos malandros .

O mito da capoeiragem malandra também se encontra nos textos da época. Nas mudanças de representações simbólicas dos grupos, também vão lhes cambiando os nomes por que são chamados. Na virada dos séculos XIX e XX, silencia-se a expressão capoeiragem, mas a tradição capoeira continua ainda fortemente relacionada às camadas menos abastadas da sociedade. O gingado, o lenço no pescoço e a navalha símbolos outrora ligados aos capoeiras fazem parte da herança identitária deixada ao malandro, ilustrada nos versos do samba “Lenço no pescoço”, de Wilson Batista, que descreve a malandragem carioca de 1933:

Meu **chapéu de lado** . Tamanco arrastado. **Lenço no pescoço** .
Navalha no bolso. Eu passo **gingando** . Provoco desafio. Eu tenho
orgulho. Em ser tão **vadio** . [grifo nosso]

Atribuindo ao malandro uma origem mitológica dentro das tradições brasileira, Roberto DaMatta evoca Pedro Malazartes como sua representação máxima “freqüentemente vestido com sua camisa listrada, anel com efígie de São Jorge e sapatos de duas cores, em sua caracterização urbana”(DAMATTA,1997,p.264). Sobre o tipo malandro, DaMatta diz: “E o malandro é um ser deslocado das regras formais, fatalmente excluído do mercado do trabalho, aliás definido por nós como totalmente avesso ao trabalho e individualizado pelo modo de andar, falar e vestir-se”

Ao dar vida a Firmo, o capoeira de “O Cortiço”, Aluísio de Azevedo, reconstitui de forma dinâmica o tipo e o seu habitat na cidade. A ambigüidade entre o artista e o marginal, além de indumentária e comportamento corporal específicos conferem a Firmo o status de malandro:

E assim ia correndo o domingo no cortiço até às três da tarde, horas em que chegou **mestre Firmo** , acompanhado pelo seu amigo Porfírio, trazendo aquele o violão e o outro o cavaquinho.

Firmo, o atual amante de Rita Baiana, era um mulato pachola **delgado de corpo** e **ágil como um cabrito** ; capadócio de marca, pernóstico, só de maçadas, e todo ele se **quebrando nos seus movimentos de capoeira** . Teria seus trinta e tantos anos, mas não parecia ter mais de vinte e poucos. Pernas e braços finos, pescoço estreito, porém forte; **não tinha músculos, tinha nervos** . A respeito de barba, nada mais que um bigodinho crespo, petulante, onde reluzia cheirosa a brilhantina do barbeiro; grande cabeleira encaracolada, negra, e bem negra, dividida ao meio da cabeça, escondendo parte da testa e estofando em grande gaforina por debaixo da **aba do chapéu de palha** , que ele **punha de banda** , derreado sobre a orelha esquerda.

Vestia, como de costume, um paletó de lustrina preta já bastante usado, calças apertadas nos joelhos, mas tão largas na bainha, que lhe engoliam os **pezinhos secos e ligeiros** . Não trazia gravata, nem colete, sim uma camisa de chita nova e **ao pescoço, resguardando o colarinho, um lenço alvo e perfumado**. “ [grifo nosso]

Considerações finais

A memória social é um produto de elaborações e negociações discursivas que se estabelecem historicamente. Por isso, a análise das representações coletivas é sempre

um recurso rentável na busca das interpretações das formações sociais. Ao investigarmos as representações dos capoeiras no século XIX, surpreendemos os mitos que são articulados até hoje pelos grupos de capoeira, construindo de forma dinâmica a memória da capoeira.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Martha. Festas religiosas no Rio de Janeiro: perspectivas de controle e tolerância no século XIX. *Estudos Históricos* . Rio de Janeiro, v.7, n.14, p.183-203. 1994
- ASSIS, Machado de. *Balas de estalo & crítica* : crônicas. São Paulo: Globo, 1997.
- AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço* . São Paulo: Bandeirantes, 1988.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico* . Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- CUCHE, Denys . *A noção de cultura nas ciências sociais* . 2.ed. Bauru: EDUSC, 2002
- DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis* : para uma sociologia do dilema brasileiro. 6 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- MINAYO, Maria Cecília. O conceito de representações sociais dentro da Sociologia clássica. In: GUARESCHI, Pedrinho, JOVCHELOVITCH, Sandra (orgs.). *Textos em representações sociais* . 7 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 89 -111.
- RIVIÈRE, Jean-Loup. Gesto. In: Oralidade, escrita e argumentação. Enciclopédia Enaudi. n.11 Ed Portuguesa Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1999. p.11-31.
- SERRES, Michel. *Variações sobre o corpo* . Rio de Janeiro: Bertrand, 2004.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença* : a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p.73-102
- SOARES, Carlos Eugênio Líbano. *A negregada Instituição* : os capoeiras no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de cultura. Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1994.
- VELOSSO, Mônica Pimenta. A cultura das ruas no Rio de Janeiro 1920-1930: mediações, linguagens e espaços. Rio de Janeiro: Ed. Casa de Rui Barbosa, 2004.